Componente curricular: GEOGRAFIA

8º ano – 3º bimestre

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 9 – América ou Abya Yala? Outras cartografias possíveis

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Ler coletivamente e com mediação o texto proposto para a sequência didática.

Discutir, a partir de conceitos e argumentos, ideias expostas no texto.

Pesquisar sentidos de palavras relacionadas às noções de “América” e “Abya Yala”.

Produzir imagem que mostre a tensão entre os modos de vida expressos a partir das palavras “América” e “Abya Yala”.

OBJETOS DE CONHECIMENTO

Identidades e interculturalidades regionais: Estados Unidos da América, América espanhola e portuguesa e África.

HABILIDADES

(EF08GE20) Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valoração na produção e circulação), o que resulta na espoliação desses povos.

PLANEJAMENTO DAS AULAS

Aulas previstas: 4

Aula 1

**Objetivo da aula:** realizar a leitura coletiva e discussão.

**Material específico necessário:** uma cópia do texto por estudante.

**Organização dos estudantes:** semicírculo.

**Etapas de desenvolvimento**

* Você deverá ler o texto, podendo, ao final de cada parágrafo, minimamente destacar uma ou outra palavra ou ideia-chave, explicando o suficiente para que os estudantes compreendam o texto e o conteúdo trabalhado e mantenham o interesse até o final.
* Considere a possibilidade de uma ou duas questões por parágrafo, a verificar o ritmo e o tempo da aula. Garanta que até o final da aula o texto tenha sido lido integralmente e todos os parágrafos tenham sido minimamente destacados.
* O texto do geógrafo Carlos Walter Porto-Gonçalves foi escrito para a Enciclopédia Latino Americana e refere-se ao verbete “Abya Yala”", autodesignação dos povos originários em contraposição ao termo “América”. Portanto, o texto alude aos conflitantes modos de vida e visões de mundo do europeu colonizador e dos povos originários, colonizados.
* A habilidade trabalhada nesta sequência didática evoca a espoliação, isto é, o ato de privar alguém de algo que lhe pertence. Desse modo, a proposta aqui é discutir, sob o horizonte das desigualdades sociais dos países latino-americanos, como o processo de colonização refletiu em termos de uma “privação de outros modos possíveis de habitar a Terra”, em detrimento de um modelo europeu imposto enquanto verdade e referência a ser adotada por povos os mais distintos.

“Abya Yala na língua do povo Kuna significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” e é sinônimo de América. O povo Kuna é originário da Serra Nevada no norte da Colômbia tendo habitado a região do Golfo de Urabá e das montanhas de Darien e vive atualmente na costa caribenha do Panamá na Comarca de Kuna Yala (San Blas).

Abya Yala vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente como contraponto a América expressão que, embora usada pela primeira vez em 1507 pelo cosmólogo Martin Wakdseemüller, só se consagra a partir de finais do século XVIII e inícios do século XIX por meio das elites crioulas para se afirmarem em contraponto aos conquistadores europeus no bojo do processo de independência. Muito embora os diferentes povos originários que habitam o continente atribuíssem nomes próprios às regiões que ocupavam – Tawantinsuyu, Anauhuac, Pindorama – a expressão Abya Yala vem sendo cada vez mais usada pelos povos originários do continente objetivando construir um sentimento de unidade e pertencimento.

Embora alguns intelectuais, como o sociólogo catalão-boliviano Xavier Albó, já houvessem utilizado a expressão Abya Yala como contraponto à designação consagrada de América, a primeira vez que a expressão foi explicitamente usada com esse sentido político foi na II *Cumbre Continental de los Pueblos* *y Nacionalidades Indígenas de Abya Yala* realizada em Quito, em 2004. Note-se que na *I Cumbre*, realizada no México no ano 2000, a expressão Abya Yala ainda não fora invocada como se pode ler na *Declaracion de Teotihuacan* quando se apresentam como *“los Pueblos Indígenas de América reafirmamos nuestros principios de espiritualidad comunitaria y el inalienable derecho a la Autodeterminación como Pueblos Originarios de este continente”*.

A partir de 2007, no entanto, na III *Cumbre Continental de los Pueblos y Nacionalidades Indígenas de Abya Yala* realizada em Iximche, Guatemala, não só se autoconvocam como Abya Yala como ainda resolvem constituir uma *Coordenação Continental das Nacionalidades e Povos Indígenas de Abya Yala*, como espaço permanente de enlace e intercâmbio, onde possam convergir experiências e propostas, para que juntos enfrentemos as políticas de globalização neoliberal e lutemos pela liberação definitiva de nossos povos irmãos, da mãe terra, do território, da água e de todo patrimônio natural para viver bem”. Pouco a pouco, nos diferentes encontros do movimento dos povos originários o nome *América* vem sendo substituído por *Abya Yala* indicando assim não só outro nome, mas também a presença de outro sujeito enunciador de discurso até aqui calado e subalternizado em termos políticos: os povos originários.

A ideia de um nome próprio que abarcasse todo o continente se impôs a esses diferentes povos e nacionalidades no momento em que começaram a superar o longo processo de isolamento político a que se viram submetidos depois da invasão de seus territórios em 1492 com a chegada dos europeus. Junto com Abya Yala há todo um novo léxico político que também vem sendo construído onde a própria expressão *povos originários* ganha sentido. Essa expressão afirmativa foi a que esses povos em luta encontraram para se auto-designarem e superarem a generalização eurocêntrica de *povos indígenas*. Afinal, antes da chegada dos invasores europeus havia no continente uma população estimada entre 57 e 90 milhões de habitantes que se distinguiam como maia, kuna, chibcha, mixteca, zapoteca, ashuar, huaraoni, guarani, tupinikin, kaiapó,   
aymara, ashaninka, kaxinawa, tikuna, terena, quéchua, karajás, krenak, araucanos/mapuche, yanomami, xavante entre tantos e tantas nacionalidades e povos originários desse continente.

A expressão *indígena* é, nesse sentido, uma das maiores violências simbólicas cometidas contra os povos originários de Abya Yala na medida em que é uma designação que faz referência às Índias, ou seja, a região buscada pelos negociantes europeus em finais do século XV. A expressão *indígena* ignora, assim, que esses outros povos tinham seus nomes próprios e designação própria para os seus territórios. Paradoxalmente, a expressão povos *indígenas*, na mesma medida em que ignora a *differentia specifica* desses povos, contribuiu para unificá-los não só do ponto de vista dos conquistadores/invasores, mas também como designação que, a princípio, vai servir para constituir a unidade política desses povos por si mesmos quando começam a perceber a história comum de humilhação, opressão e exploração de sua população e a dilapidação e devastação de seus recursos naturais.

Abya Yala configura-se, portanto, como parte de um processo de construção político-identitário em que as práticas discursivas cumprem um papel relevante de descolonização do pensamento e que tem caracterizado o novo ciclo do *movimento indígena*, cada vez *mais movimento dos povos originários*. A compreensão da riqueza dos povos que aqui vivem há milhares de anos e do papel que tiveram e têm na constituição do sistema-mundo tem alimentado a construção desse processo político-identitário. Considere-se, por exemplo, que até a invasão de Abya Yala (América) a Europa tinha um papel marginal nos grandes circuitos mercantis que tinham em Constantinopla um dos seus lugares centrais.

A tomada dessa cidade pelos turcos, em 1453, engendrou a busca de caminhos alternativos, sobretudo por parte dos grandes negociantes genoveses e que encontraram apoio político entre as monarquias ibéricas e na Igreja Católica Romana. Desde então, circuitos mercantis relativamente independentes no mundo passam a ser integrado, inclusive constituindo o circuito Atlântico com a incorporação do Tawantinsuyu (região do atual Peru, Equador e Bolívia principalmente), do Anauhuac (região do atual México e Guatemala, principalmente), das terras guarani (envolvendo parte da Argentina, do Paraguai, sul do Brasil e Bolívia, principalmente) e Pindorama (nome com que os tupi designavam o Brasil).

O caráter periférico e marginal da Europa era tal que a *expressão orientar-se* (ir para o Oriente) indicava a relevância do Oriente à época. Assim, é com a incorporação dos povos de Abya Yala e o seu subjugo político, juntamente com o tráfico e a escravidão dos negros africanos trazidos para este continente, que se ensejará a centralidade da Europa. Enfim, o surgimento do sistema mundo moderno se dá junto com a construção da colonialidade. É de um sistema mundo moderno-colonial que se trata, portanto. E é esse caráter contraditório inscrito no sistema mundo moderno, que procura olvidar o seu caráter também colonial, que os povos originários de Abya Yala vêm procurando explicitar na luta “pela liberação definitiva de nossos povos irmãos, da mãe terra, do território, da água e de todo patrimônio natural para viver bem”.

Deste modo, a descolonização do pensamento se coloca como central para *os povos originários de Abya Yala*. Como bem assinalou Luis Macas, da CONAIE – *Coordinadora de las Nacionalidades Indígenas del Ecuador – “nuestra lucha es epistémica y política”* onde o poder de designar o que é o mundo cumpre um papel fundamental. Vários intelectuais ligados às lutas dos povos de Abya Yala têm assinalado o caráter etnocêntrico inscrito nas próprias instituições, inclusive no Estado Territorial, cujo eixo estruturante está na propriedade privada e que encontra no Direito Romano seu fundamento. Apesar de sua origem regional europeia, os fundamentos do Estado Territorial, inclusive a ideia de espaços mutuamente excludentes, como a propriedade privada, têm sido impostos ao resto do mundo como se fossem universais, ignorando as diferentes formas de apropriação dos recursos naturais que predominavam na maior parte do mundo, quase sempre comunitárias e não mutuamente excludentes.

Na América Latina, o fim do colonialismo não significou o fim da colonialidade, como afirmou o sociólogo peruano Aníbal Quijano, explicitando o caráter colonial das instituições que sobreviveram após a independência e que ilumina a declaração de Evo Morales Ayma quando de sua posse na Presidência da República da Bolívia, em 2006, quando afirmara que “é preciso descolonizar o estado”. Para que não se pense que se trata de uma afirmação abstrata, registre-se que os concursos para servidores públicos naquele país eram feitos exclusivamente em língua espanhola, quando aproximadamente 62% da população pensam em quechua,

aymara e guarani línguas que falam predominantemente no seu cotidiano. Em países como a Guatemala, Bolívia, Peru, México, Equador e Paraguai, assim como em certas regiões do Chile (no sul, onde vivem aproximadamente um milhão de Araucanos/Mapuches), da Argentina (Chaco norteño) e da Amazônia (brasileira, colombiana e venezuelana) o caráter colonial do Estado e faz presente com todo seu peso. O “colonialismo interno”, expressão consagrada por Pablo Gonzalez Casanova, se mostra atual, enquanto história de longa duração atualizada. Não raro essas regiões são objeto de programas de desenvolvimento, quase sempre de (des)envolvimento, de modernização, quase sempre de colonização (aliás, essas expressões, quase sempre, são sinônimas).

A escolha do nome Abya Yala dos kuna recupera a luta por afirmação dos seus territórios de que os Kuna foram pioneiros com sua revolução de 1925, consagrada em 1930 no direito de autonomia da Comarca de Kuna Yala com seus 320 mil e 600 hectares de terras mais as águas vizinhas do arquipélago de San Blas. A luta pelo território configura-se como uma das mais relevantes no novo ciclo de lutas do movimento dos povos originários que se delineia a partir dos anos oitenta do século passado e que ganha sua maior expressão nos anos noventa e inícios do novo século, revelando mudanças profundas tanto do ponto de vista epistêmico como político.

Nesse novo ciclo de lutas, ocorre um deslocamento da luta pela terra enquanto um meio de produção, característico de um movimento que se construiu em torno da identidade camponesa, para uma luta em torno do território. As grandes Marchas pela Dignidade e pelo Território de 1990 que foram mobilizadas na Bolívia e no Equador com estruturas organizacionais independentes são marcos desse novo momento. “Não queremos terra, queremos território”, eis a síntese expressa num cartaz boliviano. Assim, mais do que uma classe social, o que se vê em construção é uma comunidade etnopolítica, enfim, é o indigenato (Darcy Ribeiro) se constituindo como sujeito político. Considere-se que foi fundamental para essa emergência a tensa luta dos

misquitos no interior da Revolução Sandinista na Nicarágua (1979-1989) pela afirmação de seu direito à diferença e à demarcação de seus territórios que, apesar de todo o desgaste que trouxe àquela experiência revolucionária, em grande parte pela colonialidade presente entre as correntes políticas e ideológicas que a lideraram, nos legou uma das mais avançadas legislações sobre os direitos de autonomia dos povos originários, conforme nos informa Héctor Diaz-Polanco.

O levantamento zapatista de 1º de janeiro de 1994 daria grande visibilidade a esse movimento que, ainda que de modo desigual, se espraia por todo o continente ao mostrar, pela primeira vez na história, que os povos originários começam a dar respostas mais que locais/regionais a suas demandas. O protagonismo desse movimento tem sido importante na luta pela reapropriação dos seus recursos naturais como se pode ver em 2000, em Cochabamba, na *Guerra del Água* e, em 2005, na Guerra do Gás, ambas na Bolívia, mas também entre os araucanos/mapuche, no Chile, na luta pela reapropriação do rio Bio Bio ameaçado pela construção de hidrelétricas, ou ainda na luta contra a exploração petroleira no Parque Nacional de Yasuny, na Amazônia equatoriana, ou na fronteira colômbio-venezuelana também na luta contra a exploração petroleira, entre tantos outros exemplos.

Esse movimento tem sido fundamental ainda na luta pela preservação da diversidade biológica, em grande parte associada à diversidade cultural e linguística. A dimensão territorial desse movimento se mostra também no seu protagonismo diante das novas estratégias supranacionais de territorialização do capital, como no caso do NAFTA, da ALCA e dos TLCs. O movimento zapatista explicitou melhor que qualquer outro esse sentido, ao fazer emergir o México Profundo, poder-se-ia dizer a *América Profunda*, exatamente no dia em que se assinava o NAFTA. O protagonismo do movimento dos povos originários também foi importante na luta contra a Alca e aos Tratados de Livre Comércio que se seguiu à derrota da Alca. Como se vê, a luta pelo território assume um caráter central e numa perspectiva teórico-política inovadora na medida em que a dimensão subjetiva, cultural, se vê aliada à dimensão material – água, biodiversidade, terra. Território é, assim, natureza + cultura, como insistem o antropólogo colombiano Arturo Escobar e o epistemólogo mexicano Enrique Leff, e a luta pelo território se mostra com todas as suas implicações epistêmicas e políticas. Quando observamos as regiões de nosso continente que abrigam a maior riqueza em biodiversidade e em água podemos ver o quão estratégicos esses povos são e tendem cada vez mais a ser diante das novas fronteiras de expansão do capital (Diaz-Polanco, Ceceña e Ornelas).

Abya Yala se coloca assim como um atrator (Prigogine) em torno do que outro sistema pode se configurar. É isso que os povos originários estão propondo com esse outro léxico político. Não olvidemos que dar nome próprio é se apropriar. É tornar próprio um espaço pelos nomes que se atribui aos rios, às montanhas, aos bosques, aos lagos, aos animais, às plantas e por esse meio um grupo social se constitui como tal constituindo seus mundos de vida, seus mundos de significação e tornando um espaço seu espaço – um território. A linguagem territorializa e, assim, entre *América* e *Abya Yala* se revela uma tensão de territorialidades.”

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Disponível em: <<http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/biogeografia_saude_publica/aulas%202014/2-carlos%20walter.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2018.

* Cada estudante deverá preparar e escrever no caderno, para a próxima aula, um resumo para dois parágrafos do texto. Garanta que todos os 16 parágrafos sejam resumidos.
* Explique que o resumo deve conter os principais pontos abordados no parágrafo e servir para uma melhor compreensão dele. Portanto, caso necessário, pesquise e aprofunde termos e conceitos abordados no parágrafo.

Aula 2

**Objetivos da aula:** realizar a leitura mediada e sistematizar a discussão.

**Materiais específicos necessários:** uma cópia do texto por estudante, atlas e dicionário.

**Organização dos estudantes:** semicírculo.

**Etapas de desenvolvimento**

* Retome os pontos principais discutidos na aula passada.
* Ao iniciar, leia o parágrafo e peça aos estudantes responsáveis pelo resumo do parágrafo que comentem o que registraram como pontos principais. Verifique se permaneceram dúvidas: caso seja possível, explique, caso contrário, registre a dúvida para trabalhá-la adiante.
* Realize o mesmo procedimento para cada parágrafo. Peça a todos os estudantes que registrem, no caderno, pontos principais do texto, parágrafo por parágrafo.
* Feche as duas aulas discutindo o texto destacando a proposta de um “outro sujeito enunciador do discurso” e a necessidade de um “no léxico político”.
* Considere trabalhar a "Declaração do Fórum Indígena Abya Yala” indicada como sugestão de material complementar nesta sequência didática. Pode-se retirar um ou outro parágrafo do texto de Carlos Walter Porto-Gonçalves, caso você julgue necessário. Interessante destacar que a referida declaração traz de modo mais explícito aspectos da cosmovisão dos povos originários.
* Nesse sentido, as próximas duas aulas tratarão de melhor pensar as diferenças entre América e Abya Yala, a partir das palavras: progresso, desenvolvimento, produzir, crescimento, cultivar, bem-viver, eurocentrismo, descolonização, florescimento. Considere outras palavras que eventualmente os estudantes sugiram.

Aula 3

**Objetivos da aula:** pesquisar sobre palavras relacionadas à América e Abya Yala e planejar a imagem/desenho a ser produzida.

**Materiais específicos necessários:** uma cópia do texto por estudante, atlas e dicionário.

**Organização dos estudantes:** em fileiras (trabalho individual); semicírculo.

**Etapas de desenvolvimento**

* O glossário deverá ser registrado no caderno. A sugestão de trabalho individual visa garantir que todos os estudantes lidem com o dicionário de modo autônomo, embora se espere que alguns estudantes apresentem dificuldades e necessitem do seu auxílio.
* Para cada palavra o estudante deverá registrar o(s) sentido(s) mais adequado(s) no contexto do texto trabalhado. Além disso, o estudante deverá descrever, de modo sucinto, o sentido com que a palavra aparece no texto, a partir de sua definição no dicionário.
* Reserve os 20 minutos finais da aula para, em semicírculo, realizar a discussão das palavras pesquisadas e a experiência de pesquisar de modo individual no dicionário conceitos geográficos/sociais.
* Feche a fala ressaltando a ideia de que “Abya Yala” alude a uma proposta de desvinculação do pensamento latino-americano das heranças europeias e, para tanto, o uso e a escolha de outros termos são fundamentais. No contexto da proposta da sequência didática, espera-se que a discussão ultrapasse o que foi verificado nos dicionários e que os conceitos e termos sejam pensados na escala da experiência, isto é, que os estudantes nomeiem suas visões de mundo que podem ser expressas a partir das palavras pesquisadas.
* Explique que na próxima aula cada estudante deverá criar uma imagem que expresse a tensão entre visões de mundo: povos originários e povos invasores, colonizados e colonizadores.

Aula 4

**Objetivo da aula:** criar a imagem/desenho a partir da tensão América/Abya Yala.

**Materiais específicos necessários:** uma cópia do texto por estudante, atlas, dicionário, registros feitos no caderno, folha sulfite A3, lápis de cor e canetinhas coloridas.

**Organização dos estudantes:** em fileiras (trabalho individual).

**Etapas de desenvolvimento**

* Explique aos estudantes que eles deverão criar a imagem a partir do texto trabalhado e discutido, das palavras pesquisadas e da reflexão quanto às possibilidades de sentidos e compreensões delas.
* Pergunte aos estudantes como compreendem a si mesmo em relação aos termos “América” e “Abya Yala”, as afinidades e os distanciamentos culturais.
* Caso os estudantes desejem, podem esboçar no caderno algumas ideias e compartilhar com você, para ouvirem sugestões e orientações que julgarem necessárias.
* Utilize a aula para a criação das imagens. Exija qualidade visual e verifique a densidade conceitual, sobretudo quanto às diferenças marcantes entre os modos de habitar a Terra expressos em América e Abya Yala.
* Recolha as produções e analise a possibilidade de trabalhar com elas em uma exposição ou discussão a partir das obras e das tensões reveladas e identificadas.

AVALIAÇÃO FINAL DAS ATIVIDADES REALIZADAS

Avaliação geral

Avaliação geral das atividades

A avaliação dos estudantes deve ser realizada de modo contínuo, em todas as aulas, observando o desempenho individual e em grupos, atentando aos modos de participação e desenvolvimento da postura de estudante. Você pode elaborar, ao longo das aulas, um glossário com nomes e termos mais importantes da sequência didática, pedindo aos estudantes que utilizem os dicionários. Em um primeiro momento, esse glossário pode ser feito coletivamente e sob orientação do professor.

a) A partir do texto e das discussões em sala de aula, explique a ideia de que “é preciso descolonizar o estado”.

*a) Espera-se que os estudantes utilizem conceitos geopolíticos trabalhados no 8º ano, lembrando que o Estado diz respeito à forma como a sociedade se organiza politicamente, um ordenamento jurídico que regula a convivência dos habitantes. Nesse sentido, a organização política dos países latino-americanos resguarda heranças europeias, o que significa que as referências para organização social e política advêm dos colonizadores, e não dos povos originários que ali habitavam há tempos.*

b) A partir do texto e das discussões em sala de aula, explique o que compreendeu sobre: “não queremos terra, queremos território” e “território = natureza + cultura”.

b) *Espera-se que os estudantes aludam ao exemplo dado no texto quanto ao idioma espanhol ser utilizado em concursos públicos, a despeito de 62% da população pensar em outra língua. Caso os estudantes apresentem dificuldades, peça a eles que pesquisem os termos “descolonizar” e “estado” no dicionário.*

Considere a possibilidade das questões serem respondidas em duplas ou trios, tendo em vista que exige um pensamento reflexivo e uma satisfatória compreensão dos conceitos de território, natureza e cultura, além da noção de terra evocada. Espera-se que que os estudantes compreendam que “terra” aparece no texto como um “mero pedaço de chão” (mesmo que extenso), enquanto território alude não apenas a uma base natural na qual o povo nasceu e floresceu, solo natal cultivado cujos frutos emergem como elementos culturais, obras criadas e que criaram o povo em questão.

AUTOAVALIAÇÃO

Sugestão de itens a serem avaliados pelos estudantes, preferencialmente com as atividades corrigidas em mãos, além do caderno. Você pode optar por dois caminhos: cada estudante respondendo individualmente para depois compartilharem; todos os estudantes sentados em semicírculo, com o(a) professor(a) comentando cada item e ouvindo os estudantes. É importante que o estudante tenha clareza no que era esperado em cada atividade/situação didática, assim como compreenda que esta autoavaliação refere-se a questões atitudinais também.

* Compreender a distinção entre América e Abya Yala.
* Compreender as raízes históricas nas lutas dos povos originários por território.
* Resumir dois parágrafos destacando pontos principais de cada um.
* Discutir questões socioeconômicas dos países latino-americanos.
* Pesquisar sentidos possíveis para palavras, termos e conceitos relacionados à América e Abya Yala.
* Produzir imagem que expresse a tensão entre América e Abya Yala.
* Registrar no caderno as etapas realizadas nesta sequência didática.
* Contribuir para o bom funcionamento dos trabalhos em duplas.
* Utilizar o dicionário e o atlas para aprofundar o conhecimento.
* Escutar atentamente os colegas e falar a partir de um pensamento organizado.

Fontes de consulta

BIBLIOTECA Digital Curt Nimuendajú. *Aby Ayala*. Disponível em: <<http://www.etnolinguistica.org/site:abyayala>>. Acesso em: 14 out. 2018.

IELA. Universidade Federal de Santa Catarina. *Povos originários*. Disponível em:   
<<http://www.iela.ufsc.br/biblioteca/povos-originarios>>. Acesso em: 14 out. 2018.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Entre América e Abya Yala – tensões e territorialidades. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Curitiba, UFPR, n. 20, p. 25-30, jul./dez. 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/16231/10939>>. Acesso em: 14 out. 2018.